



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

ANA KARINA SOARES MEIRELES

A SEXUALIDADE INFANTIL
NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE CRECHES PÚBLICAS

CAMPINA GRANDE – PB

2013

ANA KARINA SOARES MEIRELES

A SEXUALIDADE INFANTIL
NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE CRECHES PÚBLICAS

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB em cumprimento a exigência para a conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Mestre Marinalva da Silva Mota

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

M514s Meireles, Ana Karina Soares.

A sexualidade infantil na concepção de professores de creches públicas [manuscrito]. / Ana Karina Soares Meireles, 2013.
32 f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“Orientação: Profa. Ma. Marinalva da Silva Mota, Departamento de Pedagogia”.

1. Sexualidade Infantil 2. Educação Sexual 3. Educação Infantil I.
Título.

21. ed. CDD 372.372

ANA KARINA SOARES MEIRELES

A SEXUALIDADE INFANTIL
NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE CRECHES PÚBLICAS

Aprovado em: 14 / 11 / 2013

BANCA EXAMINADORA

Marinalva da Silva Mota

Prof.^a M^a Marinalva da Silva Mota
(ORIENTADOR(A) – UEPB)

Livânia Beltrão Tavares

Prof.^a M^a Livânia Beltrão Tavares
(EXAMINADOR(A) – UEPB)

Cristina Sales Cruz

Prof.^a M^a Cristina Sales Cruz
(EXAMINADOR(A) – UEPB)

AGRADECIMENTOS

Obrigado a todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês.

Meu grande agradecimento aos meus pais, razão de minha existência. Que desde meus primeiros passos me apoiam e me ensinam através de gestos concretos a viver a vida, além de me incentivar a seguir os meus projetos, meu muito obrigado.

Em especial, a professora Marinalva Mota, que me acompanhou durante a elaboração deste TCC, por seu indispensável apoio, mesmo me alertando sobre as dificuldades que eu iria encontrar.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar através da referencia de Freud, a percepção de professoras/es de creches sobre a sexualidade infantil expressa nas práticas educativas. Para isto foi realizada uma pesquisa qualitativa, através de questionário aplicado a 18 professores/as das creches estaduais da cidade de Campina Grande. O percurso metodológico teve caráter qualitativo e se utilizou do questionário para a realização da coleta dos dados. A análise dos dados revelou que as/os professoras/es possuem um conhecimento superficial sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil, demonstrando dúvidas e resistência para tratar sobre o assunto. Constata-se que tal conhecimento precisa ser aprofundado para que as/os professoras/es possam entender o desenvolvimento da sexualidade infantil e realizar intervenções com maior segurança e eficiência. Conclui-se este trabalho destacando a importância do desenvolvimento saudável da sexualidade das crianças, o que implicará na construção de conhecimentos por parte dos professores/as acerca da sexualidade no contexto atual. A orientação sexual é imprescindível no ambiente escolar, principalmente com crianças, que estão em pleno desenvolvimento de si mesmo e do corpo.

PALAVRAS CHAVE: Desenvolvimento. Sexualidade Infantil. Educação Infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. ENTENDENDO A SEXUALIDADE.....	9
1.1 Fatores que englobam a sexualidade infantil	12
2. COMO ENCARAR A SEXUALIDADE A PARTIR DO OLHAR PARA SI.....	15
3. A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL	18
3.1 Procedimentos metodológicos	18
3.2 Discussão e análise de dados.....	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICES	29

INTRODUÇÃO

A sexualidade infantil no cotidiano escolar se expressa de várias formas, como por exemplo: a curiosidade a respeito do próprio corpo, das diferenças entre meninos e meninas e os jogos sexuais, que muitas vezes deixam os professores/as sem saber como intervir pedagogicamente nestas experiências. Pois, a abertura e o diálogo com relação a este tema se tornam delicado, uma vez que, culturalmente é posto como algo vergonhoso ou censurável.

Assumindo a identidade de professoras/es no caminhar da nossa formação, vimos que nossos estudos e pesquisas devem compreender todos os aspectos do desenvolvimento humano. A sexualidade é um desses aspectos que envolvem a realidade da educação humana e está presente no contexto escolar.

Para que aconteça uma educação saudável, nada pode ser vergonhoso ou censurável, mas, sim estudado, compreendido, para ser aceito ou negado, sugerindo formas de transformação social. Com a mudança de postura ao discutir sexualidade como parte intrínseca do desenvolvimento humano, desde a infância até a idade adulta, os professores abririam espaço para uma orientação sexual madura e consciente.

Com a intenção de uma educação plena na qual se lance um olhar para a criança em seu desenvolvimento integral, é necessário discutir e aprofundar a sexualidade infantil. Iniciando por aceitar a sexualidade presente na criança como fator motivador das suas atividades intelectuais, afetivas, sociais e físicas, devendo ser compreendida como parte do processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Assim, a sexualidade faz parte da personalidade, do comportamento e do desenvolvimento integral da criança. Sendo, portanto, fundamental abordá-la como conteúdo indispensável à formação humana, considerando que a escola é vida e não um recorte dela. Neste sentido, o desenvolvimento sexual determina características dos indivíduos que se expressam em pensamentos, sentimentos e comportamentos.

São muitos os exemplos e as situações conflituosas que ocorrem na escola sobre a descoberta da sexualidade na infância, a busca de metodologias e estudos, deve ser maior que todas essas situações interpretadas como problemas educacionais, assim, devendo superar os preconceitos sobre o assunto.

Neste artigo, abordamos a sexualidade infantil na faixa etária de 0 a 6 anos e os possíveis fatores que têm contribuído para as dificuldades de professoras/as em lidar e trabalhar com o tema, além de perceber a percepção de professoras da Educação Infantil em relação à orientação sexual das crianças, a partir de sua postura sobre sexualidade.

Dessa forma o presente artigo tem como objetivo analisar a percepção de professoras/es sobre a orientação sexual com crianças de 0 a 6 anos expressa nas práticas educativas. Para isto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, através de questionário aplicado a 18 professores/as de creches estaduais da cidade de Campina Grande, os dados foram analisados através da perspectiva psicanalítica de Freud.

Acreditamos que se os/as professores/as não reconhecerem seus impulsos sexuais, negarão assim os de seus filhos e filhas ou alunos e alunas e toda uma posição madura e segura, esperada de um indivíduo professor/a estará comprometida, dando lugar a censuras, preconceitos e tabus.

O comportamento social para com a sexualidade tem seus momentos de aceitação e negação da sua presença nos sujeitos. Encontrá-la em nós mesmos como um fator natural do ser humano, remete a mudança de reconhecê-la em si mesmo/a para entendê-la nos outros sujeitos, observando assim, suas diferenças e promovendo uma interação e integração social madura e segura.

1. ENTENDENDO A SEXUALIDADE

Quando falamos sobre o desenvolvimento humano, logo pensamos no crescimento biológico do nosso organismo e, por muitas vezes, esquecemo-nos do nosso desenvolvimento psicológico. Apesar de vivermos em um tempo flexível onde se tem certa liberdade para o estudo e o debate acerca da sexualidade, não encontramos tantos espaços na área de educação que desenvolvam de uma forma educativa e livre o estudo sobre a sexualidade humana e o desenvolvimento psicosssexual.

Criou-se um costume de não querer pensar sobre a sexualidade e a educação sexual. Muitos defendem que tal assunto estimularia as crianças à erotização e ao sexo. Por ter uma definição complexa, o estudo da sexualidade acaba sendo resumido ou banalizado, criando uma perpetuação deste pensamento cheio de pré-conceitos constituídos na nossa cultura há séculos. Para uma melhor compreensão desse assunto, é necessário o entendimento histórico para podermos olhar nossa realidade atual, como profissionais de educação infantil, com um pensamento mais livre de dogmas e certezas antigas, permitindo-nos aceitar a sexualidade como parte integrante do desenvolvimento humano.

No século XVII, a privacidade ainda era rara, o corpo não era visto como fonte de pecado, as ações cotidianas eram livres dos pudores da moralidade moderna, as trocas de carícias, as conversas sobre o corpo, o sexo e a sexualidade aconteciam publicamente. No final deste século, segundo Gideon (2004) alguns costumes foram sendo adquiridos por influência dos costumes europeus, como, por exemplo, as construções das camas de cimento, um espaço onde se constituiu um novo cômodo na casa, apesar deste cômodo continuar sendo livre a todos da casa, essas mudanças cotidianas indicavam uma transformação de valores, como também o surgimento da ambição e da reputação social.

Tais mudanças no comportamento social fizeram com que assuntos antes tratados com normalidade referentes ao corpo e à sexualidade tivessem delimitações, dentre as aspirações de civilidade, a gradual passagem destes temas agora eram assuntos referentes à igreja e aos médicos. “A sexualidade é agora, cuidadosamente encerrada” (FOUCALT, 2011 p. 9).

Assim, entramos no século XVIII, cheios de vontade de progresso, onde os pensamentos sobre o corpo e a sexualidade foram confiscados pela igreja e pelo entusiasmo econômico do capital, onde o homem trabalhador não podia perder o tempo com o prazer “e as futilidades da sexualidade” e a mulher dona de casa, deveria educar seus filhos para o trabalho.

Estabelecendo a função da sexualidade como procriação, as instituições religiosas e Estatais detinham o poder e o saber sobre o corpo de seu povo. Observamos que se cria então todo um ritual de complexo simbolismo – que culminou na estrutura familiar: o casamento – para ditar o que é socialmente aceitável em se tratando do exercício da sexualidade.

Não era apenas a sexualidade confiscada, mas sim a liberdade do ser humano de conhecer-se, aprender com o corpo e como este corpo conversa com o mundo ao seu redor. Essa nova burguesia institui as prioridades econômica e social.

E por onde começar, senão pela criança como relata Foucault:

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venha a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado (FOUCAULT, 2011, p.10).

Este é um exemplo de uma educação que interrompeu discussões sobre sexo, sexualidade, personalidade, comportamento, nos séculos antecedentes. Eliminou a chance de a criança estar ciente sobre o que pensa das percepções que tem e das emoções que estão ocorrendo em sua mente, no instante imediato da aprendizagem sobre suas relações afetivas. Fazendo de nós uma geração que tenta sobressair desta secular repressão, desnecessária ao crescimento pessoal desde a infância, pois o que se descobre mais tarde era necessário ter sido educado muito antes.

A construção social das gerações se concretiza através do estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para cada uma delas, em diferentes etapas da história. Novas relações, por sua vez, determinam novos comportamentos das gerações, num movimento dialético e de retroalimentação permanente. É através dos séculos que nossa sociedade modela-se e a moralidade do século XIX vem junto com essa nova ordem (Foucault 2011).

A transição entre o século XIX e o século XX se dá em torno da consolidação do capitalismo como também da desigualdade social, o que instiga o nosso pensamento a questionar esta sociedade que se ascende, os costumes e os ditos vigentes, pois é a partir do modo como educamos nossas crianças que construímos nossa sociedade. E proporcionar o conhecimento do corpo, comportamento, sentimentos é fundamental para o desenvolvimento da nossa infância.

No século XXI temos uma multiplicidade de identidades sexuais, ou seja, quem se acredita ser diante do mundo, com a natureza humana é maior que a vontade que temos de conte-la, devemos reconhecer que a realidade é diversa e plural, e percebemos que como educadores estamos perdendo espaço para as mídias digitais, a TV, a música, etc. que nos

sujeita a “um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassam em dominá-la inteiramente” (FOUCAULT, 2011, p.114).

Devemos abrir nossos sentidos para as diversas situações com as quais nos deparamos em sala de aula, com mais atenção para nossas ações e as das crianças, alcançando nelas a infância, sua curiosidade e desejo de conhecer o mundo e a si mesmas, como um ser visível que ocupa um espaço em sua casa, em sua sala de aula, com seus colegas, professores, familiares.

Há um mundo a se conhecer quando percebemos que a sexualidade não se limita ao ato sexual ou sexo biológico. A sexualidade faz parte do nosso ser, da nossa conduta, se refere a nossa intimidade, aos carinhos, à afetividade, ternura, intimidade, é também uma forma de expressão do corpo através das ações, pensamentos e sentimentos.

Logo, o sexo é uma das ações que fazem parte da nossa sexualidade, como também nossos sonhos e desejos; prazer, gozo, dor; perda, sofrimento e frustração; crescimento e futuro; consciência, plenitude do presente e memória do passado; processos estes que vão sendo elaborados e dando espaço para novas conquistas.

Uma das limitações que enfrentamos para a abertura do debate sobre este assunto, se dá por certa falta de entendimento sobre as terminologias que se designam para o estudo da sexualidade como: educação sexual e orientação sexual. Mais do que escolher uma terminologia correta, devemos compreender a importância que cada terminologia tem para a educação da infância.

A educação sexual acontece na vida de todos os indivíduos, em todos os espaços sociais, ela ocorre de forma espontânea, consciente ou inconscientemente. A educação sexual vai estruturando a personalidade, o nosso ser social e sexual.

Por isso, a Educação Sexual é complexa, pois com a televisão, a internet, escola e até mesmo os coleguinhas das crianças, são oferecidos diferentes olhares que formarão interpretações e atitudes confusas. E, essas facilidades, muitas vezes, retiram dos pais e professores/as os mínimos recursos educacionais de que dispõem para a Orientação sexual dos filhos e alunos (DANTAS; MEIRELES, 2009, p. 89).

Já orientação sexual é um processo sistemático e contínuo de intervenção pedagógica no ambiente escolar. Não se tratando de um fenômeno esporádico, mas de um espaço privilegiado para o debate permanente acerca da sexualidade.

As crianças dependem inicialmente dos adultos, de uma orientação sobre o comportamento humano, nas descobertas, em suas experiências e aprendizagens. Elas sempre desejam compartilhar suas descobertas, e é nessa hora que o educador deve ter em mente que

todo individuo tem direito a ser consciente da natureza do seu corpo, e que sua posição a esta realidade é o que dará suporte às fases seguintes do desenvolvimento no decorrer do tempo.

A sexualidade está presente na criança e é fator motivador nas suas atividades sociais e físicas devendo ser compreendida no processo de ensino-aprendizagem, logo, o desenvolvimento da sexualidade infantil abrange a formação do comportamento, personalidade, desenvolvimento integral. A seriedade de abordar metodologias e estudos deve ser maior que as situações que se tornam problemas educacionais, assim vamos superando os preconceitos sobre este assunto.

Nesse contexto está nossa complexa educação sexual por sermos seres distintos e entendermos o mundo de formas diferentes, por isso a importância de uma orientação sexual na qual os educadores disponham de recursos didáticos para tal ação pedagógica. Assim, torna-se necessário criar espaços para o diálogo e a escuta, que favoreçam a assimilação das informações, trabalhando tabus e preconceitos que frequentemente se instalam por medo e insegurança. Como educadores, devemos encarar com naturalidade as questões e situações que se mostram no cotidiano escolar, pois devemos considerar que o desenvolvimento das crianças engloba todos os seus domínios (físico, afetivo, cognitivo, social, moral).

1.1 Fatores que englobam a sexualidade infantil

Segundo Meira (2002, p. 13) a “sexualidade engloba fatores da personalidade, do comportamento e do desenvolvimento humano”. O desenvolvimento da personalidade, do comportamento e do desenvolvimento está baseado na motivação que a criança tem para interagir socialmente com o adulto que lhe guia, com outras crianças do seu convívio, com o ambiente em que estão inseridas, e que está correlacionado aos valores culturais, políticos, econômicos absorvidos historicamente, os quais também fundamentam as primeiras concepções sobre sexo.

Com o auxílio da Psicanálise de Freud, abrimos a visão para a concepção de que todo comportamento seria orientado pelo impulso sexual. Na mais compreensiva das interpretações, esta afirmação tem sua veracidade quando seus estudos biológicos e por fim psicanalíticos, comprovam a existência da fonte básica da energia vital do ser humano chamada de libido (BARROS, 1989, p.129).

Ressaltamos a importância da existência da libido sem desconsiderar outras possíveis fontes de energia. Porém se “todo comportamento é motivado, e que os motivos estão,

geralmente, escondidos do indivíduo” (BARROS, 1989, p.129), mais que revelados, estes motivos devem ser considerados no desenvolvimento natural das pessoas.

O comportamento humano orienta-se pelo impulso sexual (libido), que nos leva à construção de nossa personalidade e esta é dividida em três elementos nos quais em constante trabalho buscarão o equilíbrio psíquico. Estes elementos são: o **id** que é inconsciente, nossa energia instintiva e livre; o **ego** que estabelece o equilíbrio psíquico entre as vontades do id e as normas de convivência do mundo e das pessoas, que estão presentes no **superego**, este que é a parte moral do aparelho psíquico. A personalidade então é dinâmica, e se constrói a partir destes três elementos (FREUD, 1996).

A sexualidade se mostra presente desde o nascimento, à medida que ocorrem interações com o meio humano e sociocultural, inicialmente de forma inconsciente. Sem que o bebê saiba, se encaminha paulatinamente para o desenvolvimento da consciência, na medida em que toma conhecimento do que se passa, assimilando o mundo sempre de uma forma ou de outra, construindo assim, seu desenvolvimento psicosssexual (DANTAS; MEIRELES, 2009).

Segundo Freud (1996), este desenvolvimento se dá em cinco fases: oral, anal, fálica, latência e genital; porém demarcaremos as que correspondem ao desenvolvimento psicosssexual, de 0 a 6 anos, as fases oral, anal e fálica. As determinações freudianas foram às primeiras afirmações sobre o desenvolvimento psicosssexual infantil, comprovadas e persistentes até os dias de hoje, por isso torna-se relevante para os/as professores/as da educação infantil que devem compreender a sexualidade da criança.

Na fase oral (de 0 a 18 meses) os lábios, a boca e a língua são os principais órgãos de prazer e satisfação da criança, seus desejos e satisfações são orais. Quando observamos atitudes como sugar, colocar coisas na boca e morder, e até o vínculo da amamentação com sua mãe como fontes de prazer para o bebê, comprova-se esta fase.

Na fase anal (de 18 meses a 3 anos) a criança está sendo ensinada a controlar as fezes e a urina e sua atenção estará retida para o funcionamento anal. A região anal torna-se o centro de experiências frustradoras e compensadoras, pois é exigido da criança o costume social de efetuar as atividades fisiológicas no vaso sanitário e sua limpeza adequada, se não conseguir satisfazer a ordem dos pais, poderá guardar sentimentos negativos.

Na fase fálica (de 3 a 7 anos), os órgãos genitais são protagonistas no papel sexual para a criança de ambos os sexos, o menino direciona seu interesse para seu próprio pênis em contraposição à descoberta da ausência de pênis na menina. Então as crianças nesta fase demonstram curiosidade e exibicionismo em relação aos órgãos genitais, começando a surgir

o interesse por brincadeiras com o sexo oposto, o que os faz descobrir a diferença que existe entre seus órgãos genitais.

Em todas estas fases a criança sente emoções e sentimentos conflituosos. A importância de um acolhimento familiar se mostra essencial, pois muitas comprovações demonstram que na vida adulta, traumas destas fases, não desaparecem e geram mais conflitos. Se o bebê for bem alimentado, se não for pressionado, e se seu crescimento for encarado percebendo a naturalidade do processo de desenvolvimento, há mais chances de um adulto saudável.

Portanto, a criança através desses hábitos irracionais e naturais da descoberta do sexo e da sexualidade, busca o prazer em viver, a motivação em conhecer e se fazer existente no mundo. Não podemos reprimir a sexualidade nem as experiências sexuais que proporcionam descobertas, pois a sexualidade é parte da vida e motor das atividades humanas. Como ressalta Teles (2001, p. 95):

A sexualidade não é algo que desabrocha subitamente na adolescência, quando a função reprodutiva se estabelece. É uma força-motriz, uma energia vital que impregna todo o organismo e toda a personalidade; força com a qual o indivíduo já nasce e que se desenvolve, pouco a pouco, como qualquer outro aspecto desta realidade biopsicossocial que é o homem. Negar a importância deste fato é querer mutilar o ser humano, fazendo-o palco dos mais tristes conflitos.

Compreendemos que, quando a sexualidade é reconhecida, a liberdade em expressar e realizar atividades no mundo se torna mais segura, pois descobrimos que a sexualidade que reprimimos é a natureza que clama em se expressar, é a energia que quer se expandir. Tudo que vivemos positivamente e negativamente, em relação ao desenvolvimento psicosexual, influi na construção de nossa personalidade, da maneira como faremos nossas escolhas, do que pode e do que não pode ser feito.

Naturalmente a escola em seu meio social faz escolhas entre os valores e princípios a serem trabalhados em seu cotidiano, os conhecimentos a serem assimilados no processo de ensino aprendizagem.

Acreditamos assim, que sexualidade se define biologicamente, psicologicamente e culturalmente, tanto pelos estudos anatômicos, quanto pelas construções e instituições de valores e princípios sociais.

2. COMO ENCARAR A SEXUALIDADE A PARTIR DO OLHAR PARA SI

Colocando a sexualidade como conteúdo essencial no ensino aprendizagem, torna-se necessário elaborar práticas educativas conscientes que valorizem conhecer e discutir sobre sexualidade, como um direito para a vida de todos e todas. Como professores/as, devemos tratar deste tema com responsabilidade pedagógica, não apenas para preencher o currículo. As práticas conscientes no ensino e na aprendizagem sobre sexualidade, parte do reconhecer nossa sexualidade como formadora de identidades.

Quando falamos em práticas conscientes, nos referimos à naturalidade em conversar, estudar, pesquisar sobre o assunto, sem censuras. Não adianta falar sobre sexo e sexualidade ditando o que podemos ou não falar; e isso não significa dizer que estaremos pecando ou com libertinagem desvairada. Por isso, acreditamos que, se ainda não se fala sobre sexo, sexualidade, desenvolvimento sexual na nossa sociedade e nem entre os/as professores/as, de forma simples, educativa e aberta, é porque ainda não percebemos e aceitamos nossa sexualidade. Pois, é por não se obter uma prática de orientação sexual franca que não sabemos como educar sem repressões.

A sexualidade é um tema que busca expor a intimidade humana, que quase nunca é revelada na íntegra das relações sociais e por sabermos que o abordamos acompanhado sempre de um comodismo, evitamos aprofundamento e discussão, talvez pelo antigo costume de não acordar o pensamento para uma educação sexual, pelo fato de ser determinado como vergonhoso ou pecaminoso e censurável pelos próprios professores/as e demais adultos.

Muitos professores/as ainda possuem impregnados em si esta censura e costume de encarar o tema sexo, sexualidade, como um assunto que deve ser apenas apresentado para estudo; para uma atividade específica. Neste sentido, não quebramos ainda os preconceitos e tabus que impedem uma educação saudável, o que se constata é que quanto mais se oculta informações, mais curiosidade surge, muitas vezes acompanhada de problemas, provocados pela falta de esclarecimento das dúvidas que surgem na infância e adolescência.

Não há nenhuma dúvida de que é inconcebível uma sociedade sem restrições, mas só posso repetir que essas restrições não de estarem ao alcance daqueles a quem elas afetam, de sorte que estes disponham pelo menos da possibilidade de modificá-las (FOUCAULT, 2000, p.27).

Mesmo com tantas repressões, Foucault (2000) nos mostra que aqueles que foram repreendidos têm o dever de reivindicar direitos através da própria reivindicação. Os/as professores/as que não falam sobre sexualidade e que não procuram conhecer sobre o

desenvolvimento psicosssexual, não se percebem como agentes de transformação e permanecem sujeitos à incompreensão dos fatos que surgem no contexto escolar. Sua prática passa longe da necessidade das crianças na atualidade.

Assim, quando são questionados e por vezes se encontram em situações “constrangedoras” pela curiosidade natural das crianças a vergonha logo aparece. Esta vergonha nos mostra o quanto necessitamos reaprender a conversar sobre o assunto, sem inventarmos histórias de fadas e cegonhas, lendas fora da nossa realidade. Se não tivermos atitudes verdadeiras com nossas crianças, a aprendizagem ganha péssimos resultados e acabamos por construir uma sociedade baseada em dissimulações.

O caminho do diálogo, dos espaços de estudo histórico, cultural, social, político, entre as próprias/os professoras/es da educação infantil, na busca do olhar sobre a própria sexualidade pode ser iniciado na universidade como uma disciplina, durante a formação da/o própria/o professor/a. Este olhar para si, nos faz perceber que devemos falar das nossas experiências na infância, juventude e vida adulta de forma natural. No entanto, muitas vezes a falta de diálogo e reflexão sobre o assunto se dá pela vergonha ou crença de que sexualidade não se aprende, mas acontece instintivamente. No entanto, a compreensão da sexualidade já dá seus passos a caminho dos espaços de diálogo.

A orientação nas escolas precisa ultrapassar o ensino existente sobre sexualidade. Esta é praticada na maioria das vezes, apenas como informação para prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e sobre a gravidez precoce.

Quando observamos a falta de instrução e conhecimento por parte também dos pais ou parentes das crianças, é notório que os resultados e situações negativas encontradas podem ter seus responsáveis:

A maneira pela qual essa criatura, a princípio amorfa vai se estruturando, pouco a pouco, até se tornar uma pessoa com hábitos, valores próprios, filosofia de vida, identidade inconfundível, depende estreitamente do modo como é conduzida e incorporada. São os adultos educadores, equilibrados ou neuróticos, de mentalidade aberta ou acanhada, livres ou escravos, otimistas ou pessimistas, crentes ou descrentes, que vão criando os pontos de referência para que a criança construa o seu mundo psíquico e social. Viver pode então ser uma aventura fascinante ou uma experiência trágica, dependendo daqueles que nos amparam em nossos primeiros passos (TELES 2001, p. 92).

Como nos diz a autora, responsáveis, então, são aqueles que têm o compromisso de educar e não cumprem, não tem noção de seu papel na educação, e acabam por propagar atitudes desprezadas com relação à formação de seus/as filhos/as ou alunos/as. Não percebe suas influências e representações e a força que estas exercem na formação de opiniões.

Percebemos que as respostas aos problemas relacionados a valores e princípios, muitas vezes estão dentro de nós mesmo.

Ao buscarmos os espaços de diálogo na universidade, encontramos a falta de reflexão sobre esse assunto, salvo alguns professores que estudam sobre o tema. Todavia, gostaríamos de descobrir com alguns dos/as professores/as que lecionam na educação infantil em creches do estado da Paraíba, situadas na cidade de Campina Grande, algumas experiências vividas no ambiente escolar relacionado à sexualidade. As/os professoras/es de creches nos contam que algumas situações envolvendo a sexualidade são difíceis de contornar, bastante delicadas e complexas, normalmente a primeira reação é de choque e muita surpresa.

Ao se deparar com crianças se masturbando dentro da sala de aula, brincadeiras de exhibir os órgãos sexuais, de representarem o ato sexual (que pode ser interpretado não só pela sexualidade dos pais, mas pela TV, outros adultos, crianças maiores, irmãos, etc.), entre várias outras situações, o/a professor/a não sabe como agir, pois não tem segurança nem conhecimento para lidar com tais situações.

Sabemos, no entanto, que não existe receita para lidar com essas situações, porém a abordagem pedagógica e psicológica nos dá respaldo para compreendermos até que ponto estas situações do cotidiano escolar são próprias da fase de desenvolvimento, ou é algo mais sério que necessita de atenção.

O interesse dos/as professores/as compromissados/as com a educação deve existir, a preocupação em achar uma maneira de falar sobre sexualidade, também deve se fazer presente na formação, porém necessita de aprofundamento ao ponto de percebermos que, primeiro temos que nos desprender das nossas experiências, encará-las com naturalidade. Para assim, em conjunto com os/as outros/as professores/as entenderem a sexualidade como parte do desenvolvimento humano, o que contribuirá para solucionar certos problemas à procura da liberdade interior que nos aproxima da educação sadia.

Se não temos uma receita para a maneira que deve ser enfrentada as situações e experiências da sexualidade infantil, temos o início do caminho: a procura do autoconhecimento, o conhecer-se. Para que não haja nenhum tipo de ruptura em nossa fonte de energia para viver. Só podemos chamar o conhecimento de a melhor herança a se transmitir quando este conhecimento estiver comprometido em nunca reprimir ou censurar a manifestação da liberdade humana. Acha o seu caminho é dever de cada professor/a consciente do desenvolvimento pleno e saudável do ser humano.

3. A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL

3.1 Procedimentos metodológicos:

Este estudo tem como objetivo analisar a percepção de professoras/es que atuam em creches do estado da Paraíba localizadas na cidade de Campina Grande, sobre a orientação sexual expressa nas práticas educativas, já que estas práticas fazem parte do desenvolvimento da criança. A pesquisa em foco trata-se de um estudo qualitativo, que segundo Minayo,

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (1994, p. 21-22).

Em síntese, pode-se afirmar que a pesquisa qualitativa nos permite conhecer a realidade de forma mais abrangente, prezando não pela quantidade das informações adquiridas, mas sim, pela sua qualidade, levando em consideração apenas as que vão de acordo com os objetivos da pesquisa, as que têm a ver com o tema estudado, sendo descartados os dados que não tem relevância e nem auxiliam na compreensão do tema ou realidade estudada. Levando em consideração, que a pesquisa é uma,

[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade é uma atividade e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados (MINAYO 1998, p. 23).

Por isso optamos por uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento o questionário (Apêndice I), que pode ser utilizado na coleta de dados deste tipo de pesquisa, proporcionando ao pesquisador interagir diretamente com os sujeitos sobre os quais se deseja conhecer. O questionário organizado para a realização da pesquisa apresentada neste estudo está dividido em duas partes, a primeira parte coleta os dados demográficos dos sujeitos da pesquisa, a segunda parte contém sete questões abertas relacionadas ao tema da pesquisa.

A aplicação do questionário aconteceu no início de um minicurso sobre o desenvolvimento psicossocial da criança de 0 a 6 anos, ministrado pela pesquisadora, realizado pelo projeto de extensão “Formação e atuação de professores de educação infantil” no Centro de Educação (CEDUC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), oferecido em

2011 aos professores das creches públicas do estado da Paraíba. O questionário foi aplicado ao grupo de participantes durante um período de 30 minutos.

Dessa forma o grupo pesquisado constituiu-se de 18 educadores/as que trabalham na educação infantil de sete Creches do Estado da Paraíba, localizadas na cidade de Campina Grande, atendendo crianças com faixa etária entre 4 meses a 6 anos. Dos 18 professoras/es apenas 1 é do sexo masculino, a faixa etária está entre 21 e 58 anos, o tempo de experiência docente é de 1 a 10 anos. Quanto a escolarização, 9 professores tem curso de graduação em Pedagogia, 6 tem formação no curso Magistério, 2 em cursos de graduação em ciências sociais e filosofia e 1 tem Ensino Médio completo. Apenas 3 professores fazem curso de especialização na área de educação.

Os sujeitos serão identificados pela letra “P” (P1 a P18).

3.2 Discussão e análise dos resultados

A primeira questão do referido instrumento de pesquisa pergunta sobre o que é a orientação sexual. Diante das respostas dadas pelos professores pesquisados, percebemos que este termo ainda é confuso na prática cotidiana da maioria deles, demonstrando que o conceito sobre orientação sexual não está claro, como podemos perceber em suas respostas:

(P3) “É uma preparação inicial, onde se mostra de forma educativa e consciente de cada realidade”.

(P13) “É um assunto que deveria ser abordado de forma que as crianças consiga entender sem que haja distorções de ambas as partes, ou seja, os pais e crianças com idade certa”.

(P17) “É complicada de ser encarada, talvez ainda traga certo tabu, a timidez da minha mãe, mas estou querendo ter uma nova visão”.

Apesar da incerteza sobre o que é orientação sexual, as respostas, em sua maioria, nos dizem que a orientação sexual na sala de aula, só deveria ser tratado se houvesse algum comportamento que envolvesse a sexualidade das crianças ou por novas descobertas em relação ao seu corpo ou ao do colega. A partir destas respostas, percebemos que a necessidade de tratar sobre o tema na formação profissional é de extrema importância, já que a orientação sexual como já foi dito neste trabalho é um processo sistemático e contínuo de intervenção pedagógica.

O ideal seria que os/as professores/as apreendessem o desenvolvimento psicosssexual infantil, não como um assunto polêmico, mas sim, como parte natural do ser humano, para

que pudessem promover uma prática pedagógica que desenvolva uma aprendizagem consciente dos fatos da vida.

A partir da vontade de mudança de seus próprios paradigmas os profissionais da educação devem refazer sua práxis pedagógica, e assim, contribuir para uma infância livre de repressão, como também, possibilitar as crianças consciência de seu corpo e seus limites.

Na segunda questão perguntamos se são realizadas atividades de orientação sexual, o que predomina nas respostas dos/as professores/as é que há pouca ou nenhuma atividade de orientação sexual em seu local de trabalho. Dos 18 professores/as submetidos a este questionário apenas 4 responderam que sim. Segundo os mesmos há atividades de orientação sexual quando necessário, através de conversa informal e na hora do banho, como podemos ver nas falas abaixo:

(P7) “Sim, minhas crianças são pequenas, mas quando vemos alguma diferença de acordo com sua faixa etária procuramos orientá-las e ensiná-las o que deve ou não fazer”.

(P8) “Sim, conversa informal”.

(P9) “Sim, através de conversa informal”.

(P16) “Sim, na hora do banho”.

Percebemos que, os sujeitos da pesquisa tem uma concepção de sexualidade limitada ao gênero e ao sexo biológico, pontuando suas ações em relação à orientação sexual a hora do banho das crianças e através de conversa informal se for necessário.

Todavia, as 14 respostas restantes foram “não”, seguidas de justificativas como a falta de maturidade da criança para o entendimento de sua sexualidade e a ausência de planejamento coletivo para tal responsabilidade educativa, ou seja, segundo os/as informantes não há preparação dos profissionais da educação para lidar com esse tema em sala de aula. Como podemos verificar algumas delas abaixo:

(P3) “Não, pois não temos preparação, acredito que tenhamos que nos aprofundar melhor no assunto”.

(P5) “Não, porque as pessoas que trabalham na creche, ainda têm as ideias reduzidas, não sabendo diferenciar o sexo da sexualidade”.

(P10) “Não, nossas crianças são bem pequenas, mas mesmo assim educamos de forma correta”.

(P17) “Não, não recebemos orientação de como trabalhar com as crianças”.

A maioria dos profissionais questionados disse não ter como trabalhar a sexualidade na infância, porque há falta de formação, apoio e orientação. O que gera a evidente insegurança no assunto e nas diferentes formas de expressão da sexualidade infantil.

O que nos leva a terceira questão: Em seu cotidiano, você sente a necessidade de um trabalho de Orientação sexual para seus alunos?

Em suas respostas os profissionais demonstram interesse pelo tema já que 11 responderam sim e 7 responderam não, vamos conferir algumas das respostas:

(P1) “Sim, porque presenciamos situações as quais saem do nosso controle, pois as crianças trazem coisas vistas de casa”.

(P6) “Sim, muitas vezes aquele problema, é difícil de lidar com o comportamento deles”.

(P7) “Sim, tem profissional que ainda não sabe como resolver determinadas situações, porque isso é um tabu para eles”.

(P8) “Sim, é a fase da curiosidade e precisam de uma boa orientação”.

(P4) “Não, ainda não despertou a curiosidade do sexo”.

(P11) “Não, são muito pequenos”.

(P13) “Não, ainda não gerou curiosidade do tema”.

No entanto, percebemos que os professores pesquisados demonstraram dificuldade na compreensão dos conceitos de sexualidade, educação sexual e orientação sexual, o que desfavorece uma intervenção pedagógica satisfatória ao desenvolvimento da criança.

Aprendemos durante nossos estudos sobre educação que o educando é um ser biopsicossocial, logo devemos considerar o desenvolvimento infantil por completo, considerando seus estágios evolutivos.

De acordo com algumas respostas citadas acima, em relação à questão três, as crianças se encontram na fase descrita por Freud (1996) como oral (de 0 a 18 meses), tendo como fonte de prazer e descoberta do mundo ao seu redor através da boca e da língua, mesmo que aparentemente sejam “muito pequenos”, como relata a P11 é importante que se conheça como a criança percebe o mundo, para que possamos orienta-las de acordo com sua necessidade e capacidade.

A orientação que devemos ter em mente deve partir da compreensão pedagógica do desenvolvimento infantil e saber quais são as necessidades de ensino e aprendizagem para cada fase da infância.

Ao perguntarmos na quarta questão se os alunos demonstram interesse ou curiosidade sobre a sexualidade e como são orientados pelos/as professores/as, 14 responderam que sim, existe curiosidade em seus alunos em relação à sexualidade, como podemos constatar nas falas de algumas das professoras:

(P2) “Sim, as crianças são orientadas falando a diferença entre menino e menina”;

(P6) “Sim, muitos gostam de brincar se abraçando, sempre juntos. Sempre fico observando até onde vai”;

(P8) “Sim, através da música, dança e diálogo são orientadas por nós educadores através da conversa informal”;

(P17) “Sim, por estarem se descobrindo, e constantemente na hora do banho, na medida do possível tentamos conversar e orientá-las”.

As respostas se mostram vagas e incompletas, não ficando claro quais são as manifestações infantis que demonstram curiosidade sexual e como acontecem as abordagens pedagógicas.

As respostas dos outros 04 professores/as foram:

(P1) “Não demonstram interesse nem curiosidade”;

(P4) “Não!”;

(P11) “Não”;

(P13) “Não, nunca falei sobre o assunto”.

Percebe-se que há certa curiosidade pelo tema e que há dificuldades em falar sobre o assunto, todavia, poucos são os que estudam sobre a sexualidade infantil, logo os professores/as não percebem as sutilezas da infância em demonstrar suas necessidades, dúvidas e curiosidades.

A dificuldade com o tema é evidente quando perguntamos na quinta questão, se já foram realizadas atividades que envolvem orientação sexual, e em caso negativo o que os/as impedem de trabalhar o tema em sala de aula. Apenas duas professoras com alunos na faixa etária de 6 e 3 responderam sim, relatando que sua prática em relação ao tema é explicar as partes do corpo e diferencia-las entre menino e menina, demonstrando uma orientação sexual limitada. A seguir as respostas dadas por essas professoras:

(P15) “Sim, a diferença que existe no menino e na menina”;

(P16) “Sim, em se tratando de experiência foi normal, pois estamos sempre dando banho e explicando as partes do corpo”.

Os outros 16 professores/as que lecionam às crianças na faixa etária entre 4 meses e 6 anos responderam negativamente, afirmando que este tema é muito complicado para falar com as crianças, tornando ciente a necessidade de orientação pedagógica no cotidiano de suas práticas educativas, justificando suas ações ou ausência delas, afirmando falta de preparo acerca da sexualidade infantil e de interesse e compreensão cognitiva por parte das crianças.

(P6) “Não, a idade não permite”;

(P7) “Não, pois no infantil I não precisa abordar esse tema, a não ser se algo chame minha atenção, então pego a criança e converso bastante até ela entender e contornar algo errado que ela esteja fazendo”.

Podemos perceber dentre as respostas “não” que a maioria não justificou os motivos que impedem seu trabalho com o tema, colocando como justificativa a idade das crianças, porém como foi visto antes, Freud (1996) nos mostra através das fases do desenvolvimento psicosssexual da criança, que cada idade tem suas especificidades, e sabendo disso, podemos como professores/as elaborar em nosso planejamento ações pedagógicas significativas para a faixa etária das crianças do infantil I. Todavia vamos expor algumas respostas negativas com suas justificativas:

(P1) “Não, pois sinto dificuldade com o tema”;

(P2) “Não, é um pouco complicado falar sobre isso com as crianças”;

(P3) “Não, teria que ter um grupo preparado para trabalhar a sexualidade da criança dentro de sua faixa etária”;

(P18) “Não, pois peguei já no final do ano, e em minha opinião deveria se trabalhar a orientação sexual desde o início do ano”.

Sabemos que os/as professores/as encontram dificuldades diversas em sala de aula, todavia isto não pode impedir nossa vontade de conhecer e estudar, e é por isso, que entendemos a importância da orientação/educação sexual na formação dos/as professores/as.

Ao perguntarmos na questão seis se os/as professores/as encontram abertura na escola e na família para discutir sobre sexualidade, percebemos receio e até mesmo vergonha por

parte de alguns professores em falar sobre o assunto. Pois, a falta de conhecimento teórico para uma compreensão da escola e da família faz com que exista certo desinteresse pela discussão sobre o tema.

A negação de 17 professores/as em relação a esta questão, alegando que a família não participa e que nas creches não se trabalha orientação sexual, fazendo com que este tema permaneça envolto em preconceitos, prejudicando o desenvolvimento das crianças e afastando a possibilidade do trabalho em conjunto com as famílias no cotidiano escolar.

Como podemos ver em algumas respostas abaixo:

(P2) “Não, não pela família, pois tem o sexo como tabu”;

(P9) “Não, porque a família não participa”;

(P16) “Não, porque as famílias são desinformadas”;

(P17) “Não, como já citei não recebemos orientação na creche e quanto aos pais, não temos nenhuma abertura”.

Apenas um indivíduo da pesquisa disse sim, que encontrava abertura em sua creche para tratar do tema com a família, como podemos ler em sua fala: “Sim, quando vejo algo errado, passo o caso para direção e chamo os pais para pedir que eles prestem atenção em casa para que isso não persista (P7)”. Diz que percebe quando há algo errado, no entanto não tenta abordar pedagogicamente a situação, passando imediatamente o caso à direção e aos pais, o que nos mostra que se percebe a sexualidade mais como problema do que como um aspecto da vida e do desenvolvimento humano.

Na questão sete, indagamos sobre quem seriam os responsáveis pela educação/orientação sexual das crianças e pelos possíveis problemas relacionados à sexualidade na infância.

Para alguns dos/as professores/as questionados os responsáveis pela educação/orientação sexual da criança, em primeiro lugar são os pais ou responsáveis, pois na opinião dos/as professores/as a educação parte da família e os educadores dão continuidade, orientando as crianças a partir de seu conhecimento de mundo, ou seja, conhecimento prévio. Como podemos observar nestas respostas:

(P2) “As crianças devem ter orientação e o exemplo a partir de casa, pois as crianças geralmente (algumas dormem com os pais) acabam vendo o que não deve e cabe ao professor orientar sobre isso”;

(P3) “Há um grande tabu, iniciando pelos pais, acredito que teria que partir da família, porque é da família que parte a educação, para daí os professores de continuidade ao assunto, isso e professores qualificados no assunto, não leigo”;

(P5) “No caso, os professores que tenham um conhecimento prévio sobre sexualidade, e o que é mais difícil, os pais. Mais os pais precisam também ter algum conhecimento, para não cometerem o grande erro de confundir sexo com sexualidade”.

Outros percebem que a influência na vida infantil nos dias de hoje, se dá não apenas com os adultos que as rodeiam, como também através das mídias, de colegas e outros adultos.

(P6) “Hoje em dia os mais responsáveis pela educação/orientação sexual, são as propagandas de televisão, novelas ou a convivência com pessoas adultas, onde muitas vezes geram muitos conflitos, através do comportamento das mesmas”.

Porém a unanimidade entre as respostas é que a família é sim, a maior referência da criança e o ideal é que a escola através da educação formal e os profissionais da educação complementem e auxiliem nas dúvidas da criança e dos pais. Como podemos verificar na fala abaixo:

(P13) “Primeiramente são os pais que tem crianças que dormem no mesmo quarto todos juntos, e sem querer podem ver a intimidade dos pais, isso na mente da criança gera confusão dependendo da idade, deveriam ter profissionais específicos para orientar os pais e ajudar os professores para que juntos possam ajudar a criança a ter uma infância saudável”.

Percebemos ao longo da pesquisa que, existe uma percepção equivocada sobre a sexualidade na infância. Essas reações complicam o desenvolvimento psicosssexual da criança, onde muitas vezes segundo Freud (1996) a reação adulta se torna repressiva, viabilizando sentimentos negativos de culpa e vergonha em relação à sexualidade da criança.

Não podemos esquecer que a sexualidade não é um problema, e sim, uma força dinâmica que faz parte do desenvolvimento da personalidade, e que pode determinar suas realizações em sua vida adulta. É importante como educadores termos consciência de que as

inclinações sexuais das crianças provêm de sua curiosidade em relação a si, aos colegas, ao mundo que as cerca, então, devemos aproveitar essa curiosidade e dialogar, orientar e contribuir para uma educação/orientação sexual saudável.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa favoreceu uma reflexão acerca de como os professores/as da educação infantil percebem a sexualidade na infância. Todas as informações obtidas no decorrer do processo serviram para a tomada de consciência, da nossa responsabilidade na condição de educadores/as responsáveis pelo desenvolvimento de nossos alunos. Pois, a princípio, o que se percebe é a falta de conhecimento a respeito da sexualidade e seu desenvolvimento, saber como agir de maneira coerente com a faixa etária das crianças, no contexto escolar é uma responsabilidade dos professores.

Através de nossas análises, foi possível perceber que as professores/as vêem a sexualidade infantil, mais como um problema do que um aspecto da vida e do desenvolvimento humano. Pode-se concluir que as professores/as que participaram da pesquisa, têm algum conhecimento sobre sexualidade infantil, que, no entanto, precisa ser aprofundado.

Portanto, a compreensão da sexualidade da criança como parte de seu desenvolvimento biológico, cognitivo e social, o/a professor/a pode atender à curiosidade infantil com conhecimento científico e pedagógico, adequados à faixa etária das mesmas. Dessa forma os educadores proporcionam as crianças descobertas positivas, sem preconceitos ou julgamentos, abrindo assim, um leque de novos saberes e possibilidades.

Respeitar a idade e a ideia das crianças sobre a sexualidade é importante para que as mesmas, desde cedo entendam, que, conforme vão crescendo seus corpos também crescem e passam por mudanças. E, que tais mudanças são naturais e inerentes à condição humana. Conhecer como a vida começa, os casais se relacionam ou como nascem os bebês, entre outras tantas questões que fazem parte da sexualidade, devem ser esclarecidas de acordo com a idade e necessidades de cada criança.

Assim, faz-se necessário que pais, professores/as e todos os adultos que cercam o cotidiano das crianças compreendam a sexualidade, como parte indissociável dos seres humanos. Devemos aproveitar esta fase da criança, que, na ingênua condição curiosa a quem tudo interessa e por tudo pergunta para harmonizar a aprendizagem da vida.

Com a conclusão deste trabalho, destaca-se a necessidade do professor/a em buscar, a cada dia, mais conhecimento acerca da sexualidade infantil, bem como reconhecer sua própria sexualidade. O que favorecerá o autoconhecimento e autonomia do/a professor/a em relação a orientação/educação sexual das crianças na creche, e, reconhecer na curiosidade delas uma ótima oportunidade de aprendizagem e crescimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Célia S. G. **Pontos de psicologia escolar**. São Paulo: Ática, 1989.

DANTAS, Natasha F.; MEIRELES, Ana K. S. Sexualidade infantil: expressão do pensamento e de sentimentos. In: BRANDÃO, Soraia Maria Barros de Almeida; MELO, Glória Maria Leitão de Souza; MOTA, Marinalva da Silva (orgs). **Ser criança: repensando o lugar da criança na Educação Infantil**. Campina Grande: EDUEPB, 2009.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 21ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FOUCAULT, Michael. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo, Nietzsche, Freud e Marx, theatrum filosoficum**. São Paulo: Landy, 2000.

FREUD S. **Além do Princípio de Prazer**. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIEDEON, S. **Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MEIRA, Luís B. **Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos**. João Pessoa: Autor Associado, 2002. p. 11 - 22.

MELO G. M. L. de S.; MOTA M. da S.; BRANDÃO, S. M. B. de A. Mais respeito eu sou criança! Um olhar sobre as práticas pedagógicas na educação infantil. In: **Ser criança: repensando o lugar da criança na Educação Infantil**. Campina Grande: EDUEPB, 2009.

MINAYO. Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 5 ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.

SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez (orgs). **Pesquisa educacional: quantidade e qualidade**. São Paulo: Cortez, 2000.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Psicodinâmica do desenvolvimento humano: uma introdução à psicologia da educação**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário para os/as professores/as

Cara professora:

Este questionário é parte de uma pesquisa do curso de Pedagogia da UEPB, que tem por objetivo coletar informações sobre Educação e Orientação Sexual nas creches participantes do Curso de extensão: Educação infantil e intervenção docente. Visto que o referido tema faz parte do desenvolvimento das crianças de 0 a 6 anos.

Em momento algum queremos avaliar seus conhecimentos e suas capacidades, todavia é de grande relevância sua opinião sobre esta questão. Além disso, não é necessária sua identificação.

Desde já, agradecemos sua atenção.

PARTE I: Identificação dos sujeitos

a) Data de nascimento: ____/____/____

Sexo () F () M

b) Dados de identificação profissional

Creche onde Trabalha: _____

Turma: _____

Faixa etária dos seus alunos: _____

Quanto tempo de experiência docente: _____

Tem curso de graduação? () Sim () Não () Cursando

Qual? _____

Instituição? _____

c) Pós-graduação?

Tem curso de pós-graduação? () Sim () Não () Cursando

Em quê? _____

Instituição? _____

PARTE II: O que pensam os professores sobre Orientação Sexual?

1. Para você o que é Orientação Sexual?

2. Em sua opinião, na creche onde você atua são realizadas atividades de Orientação Sexual?

() Sim. Quais? _____

() Não. Por quê? _____

3. Em seu cotidiano, você sente a necessidade de um trabalho de Orientação Sexual para seus alunos?

() Sim

() Não

Por quê? _____

4. Seus alunos demonstram interesse e curiosidade sobre sexualidade? Quais? Como são orientados tais comportamentos?

5. Você já realizou alguma atividade de Orientação Sexual em sua turma? Em caso afirmativo, como foi a experiência e quais as atividades desenvolvidas? Na opção negativa, justifique os motivos que impedem trabalhar o tema em sala.

Sim

Não

6. Você encontra abertura na escola e por parte da família para discutir sobre sexualidade em sua sala de aula?

Sim

Não

Justifique:

7. Em sua opinião, quem são os responsáveis pela educação/orientação sexual das crianças e pelos possíveis problemas relacionados à sexualidade na infância?

Obrigada pela participação!